

Numa e a Ninfa: o Brasil republicano no romance de Lima Barreto

DENILSON BOTELHO¹

Para iniciar esta comunicação que contém uma breve análise do romance *Numa e a Ninfa* (1917), de Lima Barreto, tomo como ponto de partida os comentários sobre esta obra formulados por Francisco de Assis Barbosa, autor de meticulosa biografia do escritor. Embora reconheça que o referido romance “tem sido mal julgado”, o biógrafo produz um juízo depreciativo: “Romance de encomenda, escrito para ganhar dinheiro, não representaria, de modo nenhum, o ideal estético de quem formara a sua personalidade nas leituras de Taine e Brunetière, de Guyau e Tolstói” (BARBOSA, 1988:193). Comparando-o com *Triste fim de Policarpo Quaresma*, Barbosa afirma que este sim “era um livro que [Lima Barreto] prezava, e muito, pois fora escrito apenas com o cuidado de fazer obra de arte, sem a ideia fixa do *make money*” (BARBOSA, 1988:193).

Numa e a Ninfa nasceu como conto antes de vir a público como folhetim, sendo depois publicado no formato de livro. Inicialmente, um conto intitulado “Numa e a ninfa” foi publicado em 3 de junho de 1911 na *Gazeta da Tarde*. No ano seguinte, em 1912, o autor publicaria em fascículos o conto “Aventuras do Dr. Bogoloff” (os dois primeiros fascículos pela Edição de A. Reis & C.). Esses dois contos constituíram o núcleo central do romance *Numa e a Ninfa*, cujos dez capítulos foram escritos em curto período de tempo, tal como registrado no *Diário íntimo* do escritor:

O *Numa e a Ninfa* foi escrito em vinte e cinco dias, logo que saí do hospício. Não copiei sequer um capítulo. Eu tinha pressa de entregá-lo, para ver se o Marinho me pagava logo, mas não foi assim e recebi o dinheiro aos poucos. Escrevi-o em outubro de 1914. O Marinho era o diretor da *A Noite*. (BARRETO, 1956:182)

Examinar trechos desse diário que documenta a trajetória de vida de Lima Barreto permite-nos destituir o ofício de escritor de qualquer *glamour*, inserindo o autor em questão no movimento da história, como cabe fazer no campo da história social. Estamos, em última

¹ Professor do Curso de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (EFLCH) da Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP. Doutor em História Social pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP. Email: botelhdenilson@gmail.com

instância, diante de um indivíduo como outro qualquer, de uma pessoa comum, que realiza um trabalho e depende da sua remuneração para sobreviver.

Analisar as condições em que se produziu e circulou o romance *Numa e a Ninfa* sugere a possibilidade de nos distanciarmos das concepções que enxergam a literatura como fruto de um gênio criador e da inspiração, ou de um gênero narrativo numa perspectiva pós-moderna. Para além de eventuais representações que, nesse caso, o texto literário possa conter, interessa-nos compreender as principais motivações do autor e as relações dialéticas que a sua obra estabelece com o tempo histórico em que foi produzida e veiculada (CANDIDO, 2006). Portanto, a literatura deve ser tratada como parte da história de uma sociedade, resultante das pressões das experiências vivenciadas pelos indivíduos, como propõe Raymond Williams (1979).

É por tomarmos a criação artística e literária como algo necessariamente atravessado pelas questões do seu tempo, que talvez seja tão interessante flagrar Lima Barreto envolvido nas engrenagens da produção do romance *Numa e a Ninfa*, investigando as condições materiais que tornaram possível a sua existência.

Numa e a Ninfa é o menos conhecido entre os romances que Lima Barreto escreveu: *Recordações do escrivão Isaías Caminha* (1909), *Triste fim de Policarpo Quaresma* (1915), *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá* (1919) e *Clara dos Anjos* (1948) – além de um romance inacabado, intitulado *Cemitério dos vivos*, inspirado nas suas experiências de internação no hospício e nos diários que produziu sobre esta experiência.

Numa e a Ninfa foi o terceiro romance de Lima Barreto publicado em livro, em 1917². Tal como *Policarpo*, saiu inicialmente em folhetins, no jornal *A Noite*, a partir de 15 de março de 1915. *Policarpo* havia sido publicado em folhetins na edição da tarde do *Jornal do Comércio*, em 1911. No mesmo ano de 1917 em que *Numa e a Ninfa* foi publicado em livro, publica-se também a 2ª edição de *Recordações do escrivão Isaías Caminha*.

Estamos diante de um texto que foi “escrito especialmente para *A Noite*”, como consta na folha de rosto de sua primeira edição. Trata-se de um trabalho pelo qual o autor

² A primeira edição do livro foi publicada com data de 1915, embora o livro tenha sido editado somente em 1917. Possivelmente, a editora Oficinas d'A Noite tenha usado a data da publicação em folhetim no jornal *A Noite* como referência.

anseia ser remunerado logo, ou pelo qual deseja receber o seu pagamento. Esta é uma condição que, por si só, nos afasta da imagem mítica do intelectual recolhido em sua torre de marfim a recriar o mundo em forma de literatura.

Estamos também diante de um ser humano de carne e osso, com problemas pessoais concretos, que lida com questões concretas da sua sobrevivência, preocupado em receber o quanto antes o seu pagamento pelo que escreveu. Além disso, trata-se de um indivíduo recém-saído de uma internação no hospício, embora jamais tenha sido um doente psiquiátrico. Ocorreu que, sendo negro, suburbano e alcoólatra, caiu nas malhas da “loucura” convenientemente fabricada (BOTELHO, 2015) nos primeiros tempos de uma república que fez dos hospícios um espaço de reclusão de toda sorte de elementos indesejáveis: negros, pobres, mendigos, prostitutas, trabalhadores informais e tantos outros que resistiram a um necessário enquadramento na ordem capitalista que vai se consolidando naqueles tempos.

Vale lembrar que Lima Barreto nasceu no Rio de Janeiro, num 13 de maio sete anos antes da abolição. O mulato que viria a se transformar em escritor teve trajetória de vida breve. Frequentou a Escola Politécnica, no Largo de São Francisco, no centro do Rio de Janeiro, e desistiu de concluir o curso, suspeitando que suas sucessivas reprovações nas cadeiras de Cálculo e Mecânica fossem decorrência de racismo. Diante da necessidade de assegurar a sua sobrevivência e a de sua família, tornou-se amanuense da Secretaria da Guerra e mudou-se para o subúrbio, morando em casa modesta que apelidou jocosamente de Vila Quilombo. Em nenhum momento, contudo, abandonou as letras, tendo produzido romances, contos, crônicas e muitos artigos e crônicas publicados na imprensa do período. Deixou ainda diários e farta correspondência hoje depositados na Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional. Faleceu aos 41 anos de idade, em novembro de 1922.

Ao fazer deste romance um objeto de estudo e uma fonte para a história do Brasil, impõe-se uma descrição resumida do seu enredo, que foi propositalmente anunciado nas páginas do jornal *A Noite* como um “romance da vida contemporânea”. Era no tempo da Primeira República, quando o país deixara de ser uma monarquia e uma das grandes novidades era o fato de que, como num passe de mágica, todos os brasileiros tornaram-se cidadãos – e não mais súditos. Ou pelo menos era isto que se imaginava que havia de acontecer. Desta forma, o papel a ser desempenhado pela classe política passaria, ou deveria passar, por transformações substanciais.

É nesse contexto que surge Numa Pompílio de Castro, personagem central dessa história. Numa era um sujeito de origem interiorana, pacato e, porque não dizer, em certa medida preguiçoso. Nutria sonhos de ascensão social, desde que isso não lhe demandasse trabalho árduo e dedicação disciplinada aos estudos. Fez-se então bacharel em Direito, apesar de sua aversão aos livros e à leitura. Era enfim um doutor.

Mas para dar pleno curso ao seu arrivismo, cortejou um dos potentados da República, foi nomeado promotor de uma comarca de Estado longínquo e foi subindo até tornar-se juiz de Direito. Como magistrado, fez-se obediente aos desígnios de Neves Cogominho, chefe da oligarquia local, que logo tornou-se presidente do Estado.

Como quem busca no casamento um definitivo empurrão na vida, casou-se com Edgarda, a filha de Neves Cogominho, e não demorou muito para ocupar uma cadeira na Câmara dos Deputados, indo morar no Rio de Janeiro, então capital federal.

No parlamento, o deputado era tão inexpressivo e obscuro, que era comum ser identificado apenas como o genro de Cogominho. Frequentemente confundiam seu nome, chamando-o de Nuno, ao invés de Numa, e a imprensa não falava dele ou sequer mencionava seu nome, mesmo quando aparecia nas festas retratadas nas seções mundanas dos jornais.

Entretanto, a moça interiorana que desposara, tão arrivista quanto o marido, sonhava com o reconhecimento público e a distinção na alta sociedade carioca da época. Mas para que isto se concretizasse, era preciso construir a notoriedade do marido deputado. Edgarda passou então a ajudar o marido na elaboração de discursos para o parlamento. Dada a inaptidão intelectual de Numa, sua esposa passou a dedicar noites a fio à confecção de discursos a serem proferidos na Câmara pelo marido. A estratégia não só conferiu notoriedade ao casal, como fez do deputado figurinha fácil nas páginas dos jornais, que passaram a assediá-lo.

Para não me alongar na descrição, não vou entrar em detalhes, mas não posso deixar de servir a cereja do bolo deste romance, ou a surpreendente origem dos discursos que notabilizaram o Deputado Numa Pompílio de Castro. Nesse sentido, segue reprodução do trecho revelador que constitui as últimas linhas do livro.

Certa noite, como tantas outras,

contou-lhe Numa então toda a história e a necessidade que havia de fazer um discurso no dia seguinte. A mulher concordou e dispôs-se a compô-lo completo e perfeito. [...] O deputado foi dormir e a mulher trancou-se na biblioteca trabalhando na oração do marido.

A noite se fez totalmente. Numa dormiu profundamente as primeiras horas. [...] Mas, pelo meio da noite, despertou. Procurou a mulher ao lado. Não a encontrou. Recostou-se. Lembrou-se, porém, da combinação que tinham feito.

[...] Pensou em ir ver a mulher; em ir agradecê-la com um abraço o trabalho que estava tendo por ele. Calçou as chinelas e dirigiu-se vagarosamente, pé ante pé, até ao aposento onde ela estava. Seria uma surpresa. [...] Foi. Ao aproximar-se, ouviu um cicio, vozes abafadas... Que seria? A porta estava fechada. Abaixou-se e olhou pelo buraco da fechadura. Ergueu-se imediatamente... Seria verdade? Olhou de novo. Quem era? Era o primo... Eles se beijavam, deixando de beijar, escreviam. As folhas de papel eram escritas por ele e passadas logo a limpo pela mulher. Então era ele? Não era ela? Que devia fazer? A carreira... o prestígio... senador... presidente... Ora bolas!

E Numa voltou, vagarosamente, pé ante pé, para o leito, onde sempre dormiu tranquilamente. (BARRETO, 1915:73)

A capa da 2ª tiragem do livro, ilustrada por Ivan (ver abaixo), é bastante sugestiva da matriz dos discursos pronunciados pelo eminente deputado. Nela se pode ver, ao fundo de um buraco de fechadura, um homem e uma mulher beijando-se, representando a cena em que Numa flagra sua esposa Edgarda e seu primo, Benevenuto. Num apelo sensacionalista do editor, pode-se ler ainda logo abaixo do título que se trata de um “romance sugestivo de escândalos femininos” – apelo esse que não reflete evidentemente o conteúdo da obra em questão.



Cabe fazer algumas considerações sobre o jornal *A Noite*, dirigido por Marinho. Trata-se de Irineu Marinho, que em 1925 fundaria o jornal *O Globo*, em circulação ainda nos dias de hoje. Antes de criar este jornal, que décadas mais tarde viria a se desdobrar no império midiático das organizações Globo, Irineu Marinho criaria, em julho de 1911, um jornal vespertino essencialmente sensacionalista. Segundo Maria Alice Rezende de Carvalho, “*A Noite* fora concebida para falar ao homem comum, ao trabalhador que é capaz de ler, mas que se desinteressa dos textos rebuscados, que não lhe tocam a emoção” (CARVALHO, 2012:128).

E como explicar a publicação de *Numa e a Ninfa* no vespertino *A Noite*?

Em 1914, o jornal de Irineu Marinho havia sido duramente atingido pelo governo de Hermes da Fonseca (1910-1914), tendo sua publicação suspensa por ocasião do estado de sítio decretado ainda no ano anterior, como forma de enfrentar inúmeras greves deflagradas no país. O jornal passou a maior parte do mês de março de 1914 sem circular.

Para Maria Alice Rezende de Carvalho,

A contundência de Lima Barreto contra a corrupção em todos os níveis e o jornalismo como fachada de negócios escusos lhe conferia um modo único de escritura e expressão que Irineu Marinho buscou associar ao seu jornal. Em *Numa e*

a *Ninfa* há uma acentuação crítica de Lima Barreto aos políticos e jornalistas que, não dispondo de meios próprios de enriquecimento e obtenção de prestígio, serviam aos poderosos, e não ao público.

[...] Por fim, tanto Lima Barreto quanto Irineu Marinho, críticos do *status quo* e céticos quanto ao progresso entrevisto na *belle époque*, foram sendo levados às cordas do sistema e obrigados, com isso, a radicalizar suas posições. Irineu se dirá nacionalista e Lima Barreto, socialista, ainda que não sejam evidentes os sentidos que aquelas palavras possuíam nos contextos em que se tornaram seus respectivos emblemas. O certo é que ambas sinalizavam a insatisfação de Irineu e Lima Barreto com o liberalismo de compleição oligárquica que caracterizou a Primeira República brasileira. (CARVALHO, 2012:126-128)

Talvez, considerando tais aspectos, não seja difícil ver no personagem Bentes uma caracterização que muito o aproxima de Hermes da Fonseca. Da mesma forma que não seria difícil identificar o personagem Fuas Bandeira como vivamente inspirado em João Laje, dono do jornal sempre “amigo de todos os governos” (BARBOSA, 2000:48), *O País*.

Nos dias que antecederam a publicação do folhetim, *A Noite* anunciava “Um romance que vae causar sucesso”, no qual é possível observar essas associações de forma muito evidente. Na primeira página da edição do dia 12 de março de 1915, sob uma ilustração contendo minicaricaturas desenhadas por Seth, era possível ler sobre “a galeria onde Lima Barreto foi buscar os personagens do ‘Numa e a Nympha’”:

Numa e a Nympha é uma “charge” inclemente aos homens políticos do momento. Alguns deles o leitor facilmente reconhecerá, apesar da máscara que Lima Barreto lhes afivelou ao rosto. Mas se o nome é suposto, os seus vícios e processos são por demais conhecidos para que não sejam apanhados em flagrante.³

³ *A Noite*, Rio de Janeiro, 12 de março de 1915, pág. 1.

XXVIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

LUGARES DOS HISTORIADORES: VELHOS E NOVOS DESAFIOS

27 A 31 DE JULHO DE 2015

FLORIANÓPOLIS - SC

8

Ano V

HOJE

Edição: Largo da Carioca 14, sobrado — Oficinas, rua João Cezar (Carm), 31

TELEPHONES, REDACÇÃO, CENTRAL 553, 5583 e OFFICINAS CENTRAL 822 e 5284

A NOITE

Rio de Janeiro — Sexta-feira, 12 de Março de 1915

N. 1154

HOJE

OS MERCADOS — Café, 6000 e 6300, Cachaça, 18 a 18 3/4.

ASSIGNAÇÕES

Por mês 22000

Por trimestre 62000

Por semestre 120000

ANUNCIOS

Por linha 20000

Por espaço 12000

Por publicidade 10000

Um «tour de force» photographico

OS ULTIMOS MOMENTOS DO BLUCHER



Um álbum memorável da grande campanha de Blücher, desde a queda da barreira de Namur até ao fim da batalha de Waterloo. O álbum mostra a grande campanha de Blücher, desde a queda da barreira de Namur até ao fim da batalha de Waterloo. O álbum mostra a grande campanha de Blücher, desde a queda da barreira de Namur até ao fim da batalha de Waterloo.

Um romance que vai causar sucesso

A NOITE começará a publicar por estes dias um livro novo de Lima Barreto



A noite começa a publicar por estes dias um livro novo de Lima Barreto. O romance é de grande interesse e promete causar sucesso. O autor, Lima Barreto, é um dos maiores escritores brasileiros da época.

Sib a forma poetica de Linhas borboletas brancas cae sobre as nossas hortas uma terrível praga



Uma obra de arte que aborda a natureza e a poesia. O autor descreve a beleza das borboletas brancas e a terrível praga que as atinge.

A Alemanha emprega esforços supremos para que a Itália continue neutra

A Rússia vai conceder autonomia à Polónia

já onze submer: 105 alemães perdidos

Uma reportagem sobre a situação política internacional. A Alemanha está fazendo grandes esforços para manter a Itália neutra. A Rússia está considerando conceder autonomia à Polónia. O navio alemão U-105 foi afundado, com a perda de 105 tripulantes.

As cousas em Portugal que ao parece vão cada vez peor



Uma análise crítica da situação política em Portugal. O autor afirma que as coisas estão cada vez mais ruins no país.

Nada se sabe de positivo

Uma notícia sobre a situação de saúde de um indivíduo. Não há nenhuma notícia positiva.

Dezmonitores ingleses en-tram de novo em acção

Uma notícia sobre a operação de dezmonitores ingleses. Eles estão novamente em ação para monitorizar a costa.

O Exército do Contestado

Uma notícia sobre o Exército do Contestado. O grupo está se preparando para uma nova ofensiva.

Perde-se mais um «Zep-ter»

Uma notícia sobre a perda de um avião Zep. O avião foi abatido durante uma missão.

Polónia vai ter autonomia

Uma notícia sobre a autonomia da Polónia. O Reino Unido está considerando conceder autonomia ao país.

Um novo bispo brasileiro

Uma notícia sobre a nomeação de um novo bispo brasileiro. O papa acabou de nomear um novo bispo para a região.

Um corpo expedicionario in-terica para o Oriente

Uma notícia sobre um corpo expedicionário interica. O corpo está sendo enviado para o Oriente.

De alemães derrotados em Augustow, castam victoria

Uma notícia sobre a vitória dos alemães em Augustow. Eles derrotaram os poloneses na batalha.

O secretario da presidencia da Republica chegou a Paris

Uma notícia sobre o secretário da presidência da República. Ele chegou a Paris para uma reunião.

Embora o romance tenha como tema central os bastidores da política na Primeira República, Lima Barreto dedica parte expressiva do texto ao personagem Lucrécio Barba-de-Bode e ao modo como as camadas populares participam – ou são excluídas - da vida política da época. Num cenário marcado por profundas desigualdades de toda ordem, por mais de uma vez, a mulher de Lucrécio, Ângela, se queixa de que o marido pede favores e colocações para várias pessoas - inclusive para Bogóloff, um imigrante russo que por piedade hospedara em sua casa -, mas para si mesmo não consegue arranjar nada e não melhora de vida. A descrição do bairro onde Lucrécio vive com sua família é bem significativa disto:

Lucrécio morava na Cidade Nova, naquela triste parte da cidade [...].

Irregular como é o Rio, não se pode dizer que fique bem ao centro da cidade; é, porém, ponto obrigatório de passagem para a Tijuca e adjacências, São Cristóvão e subúrbios.

O velho aterrado [...] é hoje o Mangue, com asfalto e meios-fios; mas, de quando em quando, manhosamente, o canal enche desde que o céu queira, para lembrar as suas origens aos que passam por elas nos bondes e automóveis.

A Cidade Nova não teve tempo de acabar de levantar-se do charco que era; [...] mas ficou sendo o depósito de detritos da cidade nascente, das raças que nos vão povoando e foram trazidas para estas plagas pelos negreiros, pelos navios de imigrantes, à força e à vontade. A miséria uniu-as ou acamou-as ali; e elas lá afloram com evidência. [...]

Barba-de-Bode morava por uma rua daquelas [...]. Era a casa comum da Cidade Nova, uma pequena casa com a indefectível rótula, janela, duas alcovas, duas salas, onde moravam ele, a mulher, uma irmã e um filho menor, além de um hóspede, um russo, o doutor Bogóloff. (BARRETO, 1915:20-22)

A detalhada descrição da Cidade Nova, da qual reproduzo aqui apenas um fragmento, permite ao autor denunciar o avesso da *belle époque* carioca, que não alcança a maior parte da população. Lucrécio deixa de ser carpinteiro para se tornar capanga de políticos da Capital Federal, recrutando populares para falsas manifestações encomendadas. Tal atividade, contudo, não é capaz de tirá-lo daquela “triste parte da cidade”, cujos habitantes estão unidos pela miséria.

Para concluir, apresento apenas um esboço de análise dos personagens centrais Numa e Ninfa. Além do arrivismo que os caracteriza, Lima Barreto nos coloca também diante do “poder que é dado ao homem de se conceber outro que ele não é, e de encaminhar para esse outro todas as energias de que é capaz” (BARRETO, 2004:328). Refiro-me ao conceito de bovarismo adotado pelo escritor a partir da leitura que fez de *Le Bovarysme*, de Jules de Gaultier. Trata-se de uma teoria psicológica que toma como ponto de partida o *Madame Bovary*, de Flaubert.

Em tese de doutorado recentemente defendida sobre a formação intelectual de Lima Barreto, Joachin Azevedo Neto propõe o conceito de bovarismo como uma chave de leitura e interpretação para a produção literária do escritor. “A temática do bovarismo aparece diluída em romances e crônicas do escritor carioca nos quais são representadas insatisfações populares, a miséria e a penúria enfrentadas pela maior parte dos brasileiros” (AZEVEDO NETO, 2015:225-6). O bovarismo também é apontado em outro estudo como elemento central na obra do escritor, servindo para nomear “um mecanismo muito singular de evasão coletiva, que nos permite recusar o país real e imaginar um país diferente do que é – já que esse não nos satisfaz e, pior, nos sentimos impotentes para modificá-lo” (SCHWARCZ e STARLING, 2015:16). Para estas autoras, “o conceito explicaria, também, uma antiga mania local: a de olhar para o espelho e se enxergar sempre diferentes. Ora mais portugueses, ora franceses, ora mais americanos; ora mais atrasados, ora até adiantados; mas sempre diferentes” (SCHWARCZ e STARLING, 2015:17).

Contudo, para além do bovarismo, a chave de leitura que me parece mais apropriada é decorrente desse conceito habilmente empregado por Lima Barreto. O bovarismo nada mais é do que a busca desesperada pela distinção social, que é, sobretudo, uma distinção de classe. Afinal, não é o Brasil da Primeira República uma sociedade de classes? Por que não afirmar isto sem receios nem rodeios, tal como o próprio Lima Barreto sugere a todo instante? Quem, padecendo de bovarismo, imagina ser o que não é e pleiteia para si privilégios, procura garantir privilégios de classe.

Numa e Edgarda almejam assegurar para si uma distinção social e de classe que, por fim, os mantenham bem distantes da realidade da Cidade Nova. O bovarismo é só uma forma literária de encobrir – ou revelar? - a luta de classes. Cabe ao leitor vislumbrar o que muitos talvez insistam em não querer enxergar.

Referências bibliográficas:

AZEVEDO NETO, Joachin de Melo. *Vida literária e desencantos: uma história da formação intelectual de Lima Barreto (1881-1922)*. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Florianópolis, 2015.

BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

BARBOSA, Marialva. *Os donos do Rio: imprensa, poder e público*. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2000.

BARRETO, Lima. *Diário íntimo*. São Paulo: Brasiliense, 1956.

BARRETO, Lima. “Casos de bovarismo”. In: *Toda Crônica*. Rio de Janeiro: Agir, 2004. p. 327-331.

BARRETO, Lima. *Numa e a ninfa*. Rio de Janeiro: Oficinas d’A Noite, 1915.

BOTELHO, Denilson. A "fábrica de loucos da Primeira República": cidadania e exclusão no Rio de Janeiro de Lima Barreto. In: BOTELHO, Denilson (Org.). *História e cultura urbana: a cidade como arena de conflitos (no prelo)*. 1ªed. Rio de Janeiro: Multifoco, 2015. p. 169-195

CARVALHO, Maria Alice Rezende de. *Irineu Marinho: imprensa e cidade*. São Paulo: Globo, 2012.

GAULTIER, Jules de. *Le Bovarysme*. Paris: Mercure de France, 1902.

SCHWARCZ, Lilia Moritz e STARLING, Heloisa Murgel. “Introdução ou ‘O Brasil fica bem perto daqui’”. In: *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. pp. 13-20.

THOMPSON, Edward P. *A miséria da teoria, ou um planetário de erros; uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

VISCARDI, Claudia Maria Ribeiro. *O teatro das oligarquias; uma revisão da “política do café com leite”*. Belo Horizonte: C/Arte, 2001.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.